

## SEXUALIDADE NA VELHICE: ASPECTOS NO ENVELHECIMENTO

Berenice Maria da Silva<sup>(1)</sup>; Sandra Maria de Carvalho Brito<sup>(2)</sup>

<sup>(1)</sup>Faculdade Cearense (FaC) - [berenyems@gmail.com](mailto:berenyems@gmail.com)

<sup>(2)</sup>Faculdade Cearense (FaC) - [sandra.carvalho.brito@gmail.com](mailto:sandra.carvalho.brito@gmail.com)

### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo conhecer como casais idosos vivenciam sua sexualidade. O estudo foi extraído da pesquisa bibliográfica e de campo, de natureza qualitativa, realizada entre os meses de maio e outubro de 2016, quando foram entrevistados cinco casais idosos, com idade a partir de 60 anos e escolhidos por conveniência. Neste artigo destaca-se o conceito de velhice, do ponto de vista dos interlocutores, trazendo a percepção do homem e da mulher, bem como a visão destes, com relação à sua própria sexualidade. Para fundamentar o estudo, foram trazidas as categorias: Velhice, Envelhecimento e Sexualidade na Velhice, as quais foram aprofundadas, ao longo deste artigo, com conceitos de alguns autores renomados. O tema do estudo: Sexualidade na Velhice: aspectos no envelhecimento exigiu um mergulho nas categorias: envelhecimento e sexualidade na velhice que teve como principais resultados que o sexo pode ser entendido como parte integrante da vida e que pode ser vivido por toda a existência humana. O estudo mostrou também que tabus e preconceitos com relação ao sexo na velhice ainda são expressos pelas sociedades. Portanto, a sexualidade na velhice deve ser um assunto mais discutido e, a partir dessa discussão, podem-se abrir caminhos para que outras pesquisas sejam realizadas visando melhorar a qualidade de vida do idoso, dentre as melhorias está o desempenho sexual para que a fase da vida denominada “velhice” seja regada ao prazer.

**Palavras-chave:** Velhice, Envelhecimento, Sexualidade na Velhice.

### ABSTRACT

This paper aims to find out how elderly couples experience their sexuality. The study was taken from a qualitative, bibliographic and field research carried out between May and October 2016, when five elderly couples aged 60 or over and chosen for convenience were interviewed. In this paper, we highlight the concept of old age from the interlocutors' point of view, bringing the man's and woman's perceptions, as well as their views, regarding their own sexuality. In order to base our study, the following categories were brought to discussion: Old age, Ageing, Sexuality in Old Age, which were deepened throughout the paper with concepts from some renowned authors. The theme of the study: “*Sexuality in Old Age: Ageing Aspects*” required us to delve into the “ageing” and “sexuality in old age” categories, which had as main results that sex can be understood as an integral part of life and can be experienced throughout the human existence. The study also showed that taboos and prejudice about sex in old age are still expressed by the society. Therefore, sexuality in old age must be more discussed and, from this discussion, new paths can be opened for other studies to be carried out aiming to improve the elderly's life quality, among which is sexual performance, so that this part of life called “old age” can be filled with pleasure.

**Keywords:** Old age, Ageing, Sexuality in Old Age.

## INTRODUÇÃO

O envelhecimento constitui-se por etapas que acompanham o indivíduo no decorrer da vida. Essa noção traz o entendimento de que ao nascer o ser humano dá início a esse processo, perpassando por fases, como: infância, puberdade, juventude, vida adulta e velhice. Assim, cada etapa da vida tem seu significado e suas descobertas, que variam de acordo com a cultura de cada sociedade.

Na fase da vida considerada velhice, percebe-se, por meio de estudos e pesquisas, que esta envolve diferentes visões culturais com relação aos “velhos”, algumas manifestações preconceituosas, por parte de algumas sociedades, quando estas negam à pessoa idosa o direito à sexualidade, demonstrando isso mediante clichês, como: “velho sem vergonha ou depravado” ou “velha devassa”, o que passa uma imagem de que ao idoso não cabe o direito de se manter sexualmente ativo. Entretanto, acredita-se que a sexualidade está atrelada à necessidade humana no sentido natural, mas que nem sempre é entendida como tal. Para embasar essas reflexões, este artigo teve como objetivos conhecer como casais idosos vivenciam sua sexualidade e identificar os aspectos que influenciam na sexualidade do idoso.

## 2 METODOLOGIA

Neste artigo, optou-se pelas pesquisas bibliográficas e de campo, realizadas entre os meses de maio e outubro do ano de 2016. O interesse pelo tema surgiu a partir do contato com idosas durante o Estágio Supervisionado I em Serviço Social, no primeiro semestre de 2015, em uma Instituição de Longa Permanência para Idosas (ILPI), localizada em Fortaleza/CE. Observou-se, neste contato, que assuntos sobre sexo, namoro, casamento, masturbação fluíam naturalmente entre algumas idosas residentes naquela Instituição. E, em uma conversa rotineira e informal, uma delas, com idade até então de 83 anos, viúva, afirmou que sentia muita falta de um companheiro para *brincar de amor*. Esta expressão aguçou a curiosidade da pesquisadora sobre o tema proposto neste trabalho e a instigou, portanto, a buscar compreender como casais idosos vivenciam sua sexualidade. Os nomes apresentados na pesquisa foram todos fictícios, onde em comum acordo coma os interlocutores, utilizou-se nomes de flores para as mulheres, em relação às quais cada uma delas escolheu a flor que melhor as representaria. Assim elas fizeram as escolhas de acordo com suas preferências. Já para os homens foram sugeridos nomes de pedras preciosas. Com isto foram

preservadas as suas verdadeiras identidades, em cumprimentos aos quesitos da pesquisa e em respeito aos que dela fizeram parte.

Direcionou-se à pesquisa qualitativa, por acreditar, como Deslandes<sup>1</sup> afirma, que a “[...] pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas Ciências Sociais, com o nível de realidade que não pode ser quantificado [...]”. Em pesquisa, a qualidade, que compõe os aspectos sensíveis de um fenômeno, é de fundamental importância em qualquer investigação. Neste sentido, em uma pesquisa qualitativa, deve-se levar em consideração tudo aquilo que envolve o objeto a ser estudado, como por exemplo, os aspectos históricos, culturais, biológicos e sociais, delimitando caminhos diferentes para os estudos a serem realizados.

A partir de então, e com o intuito de chegar à aproximação do real, realizou-se uma pesquisa descritiva e exploratória, tendo por procedimento a pesquisa de campo, em uma forma de abordagem qualitativa. Além da pesquisa de campo, igualmente, foi feita a pesquisa bibliográfica, consoante explica Rodrigues<sup>2</sup>, os tipos existentes de pesquisa:

[...] desenvolvida com base material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. [...] A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquele que poderia pesquisar diretamente.

Este estudo foi possível mediante escolha por conveniência, de maneira que foram escolhidos 05 (cinco) casais, com idade a partir de 60 anos, não necessariamente os casais deveriam ser casados legalmente, mas era indispensável que tivessem uma relação duradoura, Com isto almejava-se uma aproximação mais fidedigna possível da realidade. Em relação ao campo definido, procurou-se atender ao desejo dos interlocutores que, em sua totalidade, as entrevistas forma realizadas na própria residência do casal. Para a pesquisa de campo, utilizou-se a técnica da entrevista semiestruturada, que segundo Minayo<sup>3</sup>, esta abordagem deixa o informante livre para falar das questões propostas pelo tema. As entrevistas foram marcadas previamente, com contato por telefone e também pessoalmente.

Com relação ao instrumento de coleta dos dados, utilizaram--se as entrevistas para conhecer as histórias de vida dos casais, pois levou-se em consideração o que os autores argumentam sobre o assunto. Goode e Hatt (1969 *apud* Lakatos; Marconi, 2003), por exemplo, alegam que a entrevista “consiste no desenvolvimento de precisão, focalização, fidedignidade e validade de certo ato social como a conversação”<sup>4</sup>.

### 3 SEXUALIDADE NA VELHICE: ASPECTOS NO ENVELHECIMENTO

O sexo na velhice foi refletido durante muito tempo sob os aspectos das velhas crendices que residiam nos moralistas que acreditavam, segundo Beauvoir<sup>5</sup>, na “extinção dos desejos sexuais”. Dessa forma, acreditava-se que a sexualidade desaparecia com a idade e os idosos que mantinham uma vida sexual ativa, eram vistos sob os clichês de: “velhos sem vergonha ou depravados, que não se davam ao respeito”<sup>6</sup>. Diante destes “imperativos”, a sexualidade do idoso era vista e inscrita como algo limitado e demarcada pelo tabu. Para tratar desse assunto, antes de tudo, é preciso vislumbrar a sexualidade enquanto sensibilidade e afeto, antes mesmo do contexto erótico ou sensual. Para este fim, a reflexão de alguns autores reforça que o definhamento das forças físicas também é responsável pela diminuição do desejo sexual.

O estudo da sexualidade, permeada pela compreensão da antropologia, psicologia, biologia e da correlação com a natureza, encontra-se baseado na fundamentação dada por Fonseca<sup>7</sup> quando ele traz uma discussão das condições da sexualidade humana vista através do “nós”, enquanto animais e não somente como intelectuais. Este autor considera que as bases da sexualidade humana se assentam na compreensão das bases animais, naturais e biológicas e, se biologicamente somos iguais, o que nos diferencia é a cultura em que vivemos<sup>7</sup>.

Pascual<sup>6</sup> tem uma compreensão da sexualidade como fator que pode ser vivenciado nas diversas fases da existência humana. Nesse sentido, é preciso buscar a superação do conceito de sexualidade que nega a possibilidade de interesse e atividade sexual do idoso. Nesta perspectiva “[...] É preciso caminhar em direção de um conceito que se relacione com o prazer, encontro, relação, comunicação, afeto, intimidade [...]”<sup>6</sup>.

Segundo Beauvoir<sup>5</sup>, outro aspecto que contribui para a negação do desejo do(a) idoso(a) em manter-se ativo(a) sexualmente é a “pressão de opinião” que o idoso sofre por parte da sociedade. Esta, por sua vez, idealiza o que é convencional, fazendo com que o idoso passe a acreditar que seus desejos e atitudes não podem ser expostos. Dessa forma esta autora expõe que:

A pessoa idosa dobra-se ao ideal convencional que lhe é proposto. Teme o escândalo, ou simplesmente o ridículo. Torna-se escrava do ‘que vão dizer’. Interioriza as obrigações de decência e de castidade impostas pela sociedade. Seus próprios desejos a envergonham, e ela os nega: recusa-se a ser, aos seus próprios olhos, um velho lúbrico, uma velha devassa. Defende-se das pulsões sexuais, ao ponto de rechaçá-las para o inconsciente<sup>5</sup>.



Foucault<sup>8</sup> traz ricas contribuições ao tratar dessa categoria, vinculando as repressões do “falar sobre sexo”, ao poder da sociedade burguesa do início do século XVII. Este autor recorre aos laços da história humana e atribui as proibições à considerável evolução da pastoral católica e do “sacramento da confissão”, que “[...] progressivamente cobre a nudez das questões que os manuais de confissão da Idade Média formulavam e grandes números daqueles que eram recorrentes no século XVII [...]”<sup>8</sup>. Nesta perspectiva era cada vez mais recomendada a discrição e a reserva que este autor descreveu como sendo obra pastoral do século XVII, quando se projetava uma literatura ‘escandalosa’, através dos diretores espirituais, que davam significado à confissão, na qual se era obrigado a dizer tudo “[...] não somente os atos consumados, como também os toques sensuais, todos os olhares impuros, todas as palavras obscenas..., todos os pensamentos consentidos [...]”<sup>8</sup>.

Mucida<sup>9</sup> acrescenta que não existem regras sexuais, e sim regras sociais e que a sexualidade não tem idade limite, ou seja, a sexualidade está presente em toda a vida do sujeito. Para esta autora, a sexualidade depende da relação de desejo entre o sujeito e o objeto do seu desejo. Assim:

Não é a idade que determina a ausência do desejo, muito menos a ausência ou a presença de relações sexuais, mesmo que estas possam ser inscritas na velhice sob tecidos diferentes daqueles encontrados na adolescência, nos quais computar os orgasmos é uma forma usual. A sexualidade do idoso pode encontrar caminhos inéditos, dos quais o desejo, que não morre, encontra outras maneiras de inscrição<sup>9</sup>.

As constantes modificações corporais no homem e na mulher, que acompanham a idade, trazem o fator tempo como aliado ou inimigo quando se considera a sexualidade na velhice. Neste sentido, Mucida (2014) considera que: “[...] quando pensamos em corpo não pensamos apenas em um corpo velho, jovem, bonito, feio, doente, ‘sarado’[...] está o corpo erogeinizado com toda sua efetividade”<sup>9</sup>.

### 3.2 AFINAL, O QUE É VELHICE E COMO SE DÁ O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO?

A velhice e o envelhecimento são conceitos e aspectos debatidos e, além disso, motivos de desacordos potencializam tais questões. Estes assuntos são vistos, entre os(as) autores(as) que se debruçam sobre os fatores que levam à velhice, como conceitos que ligam à vida a elos naturais, biológicos e culturais, já que o envelhecimento, segundo Beauvoir<sup>5</sup>, é um processo natural e biológico da vida, mas que tem reflexos da cultura. De acordo com Rocha<sup>10</sup>, velhice é “o estado ou condição de velho. Idade avançada”. Ser velho nesse sentido tem conotação de ser muito idoso.

O envelhecimento populacional em todo o mundo já é um fenômeno real. Isto se deve ao aumento da expectativa de vida e à queda do número de mortalidade e fecundidade. De acordo com dados da Secretaria de Direitos Humanos (SDH), entre os anos de 2009 e 2011, o aumento da população idosa girou em torno de 7,6%, o que significam mais de 1,8 milhões de pessoas, representando, então, cerca de 23,5 milhões de pessoas com idade de 60 anos ou mais, enquanto que a taxa de nascimento ficou abaixo do nível de reposição populacional<sup>11</sup>). Como essas projeções só tendem a crescer, se faz necessário que o envelhecimento seja visto com um novo olhar, embebido em possibilidades para uma vida longa com mais qualidade.

Enfatizando a questão do processo do envelhecimento, voltado para um novo caminho, vale destacar o pensamento de Goldenberg<sup>12</sup>, quando expõe que é preciso ampliar as possibilidades de novos significados para o envelhecimento, trazendo os aspectos mais positivos, com relação à velhice. Assim, os velhos devem continuar: “cantando, dançando, criando, amando, trabalhando, transgredindo tabus [...] não se aposentando de si mesmos”<sup>12</sup>. Nesse contexto, Mucida traz a discussão sobre velhice e envelhecimento do ponto de vista médico, afirmando que:

O envelhecimento, em termos gerais, é definido como um processo que acompanha o organismo do nascimento à morte. A velhice é um momento específico dentro desse processo marcado pelo agudizamento de diferentes reduções e modificação do funcionamento de diversas funções, bem como determinadas modificações celulares, não implicando, todavia, um acúmulo de doenças<sup>9</sup>.

Para esta autora, apesar de algumas doenças estarem presentes com mais incidência na velhice, como artrite, catarata, dentre outras, a velhice não representa um “amontoado de doenças”<sup>9</sup>. Sob esta percepção, acena-se para o fato da preocupação do ser humano em manter-se ativo, mesmo quando atinge a idade mais avançada.

Já, para Messy<sup>13</sup>, o envelhecimento é um “processo irreversível, que se inscreve no tempo, começa no nascimento e acaba com a destruição do indivíduo” (p. 17). Já a velhice é deficitária, ela “não espera o número de anos”<sup>13</sup>. Ou seja, a idade cronológica não determina a entrada na velhice, pois a pessoa pode se torna velha sem passar pela velhice. Já o processo de envelhecimento, tem início no nascimento e só termina com a morte.

Segundo Bosi<sup>14</sup>, a velhice é o declínio biológico, vivido de forma diferente pelas sociedades. Ou seja, a velhice não acontece da mesma maneira para todos porque cada pessoa carrega suas próprias experiências, dentre as diferentes culturas existentes. Sendo assim vários fatores podem contribuir para o processo do envelhecimento, dentre eles destaca-se a cultura.

O processo do envelhecimento que, inevitavelmente, se depara com o fator tempo, é discutido numa reflexão que transcende o entendimento da própria aceitação de ser velho. Nesse sentido, Sartre<sup>15</sup> afirma que “o tempo me separa de mim mesmo, daquilo que fui, do que quero ser, do que quero fazer, das coisas e do outro”. Assim, para a condição do aceitar-se enquanto um ser que envelhece, é traçar a velhice como:

Um momento no qual, prevalecendo um determinado enfraquecimento –variável para cada sujeito – do tempo presente devido a um afrouxamento dos laços afetivos, sociais e inúmeras perdas, imporia ao sujeito a criação de novas formas de atualizar seu passado enlaçando-o ao futuro<sup>9</sup>.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para se discutir a sexualidade na velhice, tornou-se indispensável trazer a percepção do idoso sobre sua própria velhice, ou melhor, o que ele entende sobre velhice, já que o conceito de velhice, segundo os autores aqui discutidos, não tem uma definição concreta, visto que ela é culturalmente moldada.

Sr. Rubi (70 anos), mantém um relacionamento conjugal há 44 anos. Para ele, a velhice é o destino comum do ser humano quando diz: “*velhice é o destino dos que não morrem cedo, né? Porque todos nós temos as fases na vida*”. Com efeito, sob o aspecto do destino, autora do livro clássico “A velhice”, Simone Beauvoir, relata que destino mesmo é a morte, pois esta “transforma a vida em destino”<sup>5</sup>.

Quanto à sexualidade na velhice, Sr. Rubi (70 anos) considerou: *eu acho que muda um pouco, né? Porque a gente não fica ativo como era antes, mas continua existindo a vontade*. Sobre esse aspecto, Pascual acrescenta: “[...] a sexualidade do indivíduo vai se transformando ao longo da vida, e cada idade favorece formas diferentes de satisfação”<sup>6</sup>. Algumas interlocutoras expuseram pensamentos diferentes com relação à velhice, como a Sra. Amarílis (62 anos), farmacêutica aposentada, disse (informação verbal)<sup>1</sup>:

*A sexualidade na velhice, ela existe, você sente a necessidade, mas nem sempre isto acontece, [...] a sexualidade você pode ter, mas nem sempre você pode concretizar até o fim porque as pessoas são diferentes, elas têm as limitações, os problemas de saúde [...] Velhice para mim não existe; na realidade é assim: o corpo é que envelhece. Você nasce, cresce e tem um tempo aqui na terra. A sua memória e a sua consciência se mantêm jovem; tanto é que você é capaz de realizar, de criar, de produzir. Por exemplo, eu me sinto superjovem, mas o meu organismo começa a sentir cansaço (Sra. Amarílis, 62 ANOS).*

<sup>1</sup> Informação concedida no momento da entrevista da pesquisa que orienta este artigo.

Para Sra. Amarílis (62 anos), a sexualidade não se limita ao ato sexual. A sexualidade é expressa através de outras formas de carinho e nelas se encontra prazer, quando afirma: *a sexualidade entre a gente, ela existe através da troca de carinho. A gente se abraça, se beija, se toca, anda de mãos dadas... isto é sexualidade.* Seguindo este pensamento, Pascual enfatiza que “o beijo, a carícia, o abraço, a ternura e o tato são tão necessários que o ser, já no nascimento, se for privado deles, adoece [...]”<sup>6</sup>.

Já Sr. Ônix (64 anos), engenheiro civil, natural de Russas/CE, entende a velhice como “uma fase de transição do ser humano”. Para ele, com a velhice chegam as limitações naturais, enfraquecendo a frequência e o próprio ato sexual, quando expressou: *A sexualidade na velhice tem algumas limitações, por exemplo, no meu caso, eu tomo muito medicamento, porque já tive um problema cardíaco. Então, isso desestimula um pouco, sabe?*

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo demonstrou que a sexualidade acompanha o indivíduo do nascimento à morte, porém dentro do processo de envelhecimento o ato sexual pode sofrer modificações. Dos cinco casais entrevistados, três afirmaram manter relações sexuais com frequência, porém com maior espaçamento entre uma relação e outra. Assim, para os interlocutores da pesquisa, o desejo sexual se mantém ativo na velhice, no entanto, a frequência pode ser prejudicada pelas limitações da própria idade.

Então, dentre os aspectos que influenciam na sexualidade do idoso, estão questões ligadas às doenças e ao uso de alguns medicamentos, o que contribui negativamente para o desempenho no ato sexual, isto é, por razões biológicas, o organismo pode sofrer modificações e limitações físicas e, às vezes, patológicas, que interferem no desempenho sexual satisfatório e em outras atividades humanas.

Por fim, o estudo desmistifica imperativos que envolvem preconceitos e estereótipos com relação à sexualidade na velhice, como também identifica que os desejos não morrem, podendo-se imaginar uma velhice regada ao prazer, ao qual, todos tenham direito como pessoas sexuadas, sexuais e eróticas que são. Assim, a possibilidade que o idoso tem de permanecer com uma vida prazerosa e sexualmente ativa é não (co)responder às clichês negativos, mas sim vivenciar



diferentes formas de prazer na velhice, ligadas ao amor, ao carinho, ao afeto, à liberdade e às potencialidades do ser humano como um todo.

## REFERÊNCIAS

1. Deslandes S, Neto OC, Gomes R.; Minayo, M. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis-RJ: Vozes; 1994.
2. Rodrigues WC. Metodologia Científica [Internet]. 2007 [acesso em 2016 dez 18]. Disponível em: [http://unisc.br/portal/upload/com\\_arquivo/metodologia\\_cientifica.pdf](http://unisc.br/portal/upload/com_arquivo/metodologia_cientifica.pdf)
3. Minayo MCS. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: Minayo MCS, organizadora. Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes; 2004. p.9-29.
4. Lakatos EM, Marconi MA. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas; 2003.
5. Beauvoir S. A velhice. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1990.
6. Pascual CP. A sexualidade do idoso vista com novo olhar. Tradução: Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Edições Loyola; 2002.
7. Fonseca JJA. As bases naturais da sexualidade humana: um estudo a partir de Freud, Darwin e da antropologia cultural. Belo Horizonte. COOPMED; 1999.
8. Foucault M. História da sexualidade 1: a vontade de saber. Traduzido por Albuquerque MTC, Albuquerque JAG. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra; 2015. [do original francês: Histoire de la sexualité 1: la volonté de savoir].
9. Mucida A. O sujeito não envelhece – psicanálise e velhice. 2. ed. rev. – 2 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora; 2014.
10. Rocha R. Minidicionário. Ruth/Hindenburg da Silva Pires - São Paulo: Scipione; 2001.
11. Brasil. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (Brasil). Assuntos. Pessoa Idosa [Internet]: Brasília (DF): SDH; 2016. [acesso em 2017 jul 21]. Disponível em <http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-idosa>
12. Goldenberg M. A bela velhice. 4. ed. Rio de Janeiro, Record; 2014.

13. Messy J. A pessoa idosa não existe. Tradução de Sousa, J.; Werneck, M. São Paulo: Aleph; 1999.
14. Bosi E. Memória e sociedade: lembranças dos velhos 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras; 1994.
15. Sartre J. O ser e nada: ensaios de ontologia fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigão. 24 ed. Petrópolis, RJ: Vozes; 2015.